

ROUBAR SEMENTES

Adriana Lisboa

La memoria es teatro del espíritu
pero afuera ya hay sol: resurrecciones.
En mí me planto, habito mi presente
Octavio Paz¹

Os primeiros espécimes da árvore *Roystonea oleracea*, hoje conhecida como palmeira-imperial, chegaram ao Rio de Janeiro vindas do Jardim La Pamplemousse, nas Ilhas Maurício. As mudas foram trazidas pelo comerciante português Luiz de Abreu Vieira e Silva e oferecidas ao príncipe regente D. João, que plantou a primeira delas no Real Horto, futuro Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1809. São as palmeiras mais altas do mundo, podendo alcançar cinquenta metros de altura. Quando as árvores começaram a frutificar, a partir de 1829, o então diretor do jardim, Bernardo José de Serpa Brandão, ordenou a queima anual de todas as sementes, com o intuito de preservar o monopólio sobre a espécie. Consta, porém, que os escravos que trabalhavam no jardim subiam nas árvores durante a noite, roubavam as sementes

¹ PAZ, Octavio. Casa (IV). In: ____. *Lo mejor de Octavio Paz*. Ciudad de México: Booket/ Planeta, 1989. p. 383.

² Palma Mater (Jardim Botânico do Rio de Janeiro) <<http://www.jbrj.gov.br/jardim/plantas?page=6>>. Acesso em 10.09.2018. A palmeira imperial: da introdução no Brasil-colônia às doenças e pragas no século XXI. *Ciência e cultura*. São Paulo, v. 62, n. 1, 2010.

Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000100011>. Acesso em 10.09.2018.

e as vendiam por cem réis cada. Por essa razão, a palmeira-imperial, ironicamente símbolo da aristocracia na história do Brasil (ainda que *Pindorama* fosse a “terra das palmeiras”), teria se difundido tão rápida e amplamente pelo território.²

Queimar sementes para manter o monopólio de um jardim sobre uma árvore. O descarte do vivo. E a desobediência a cem réis por semente. De um lado, a fala de fogo do poder. Do outro, a surdina da insubmissão, que na brecha da noite trepa nas árvores, colhe as sementes, vende. Não há um programa por trás dessa ação – o roubo das sementes não é um manifesto. O roubo das sementes é, antes, puro bom senso diante da afronta de uma ordem despropositada que não deve e não pode ser cumprida.

Penso no verso de Octavio Paz: “Em mim me planto, habito meu presente.” Mas como plantar-me em mim, como criar raízes nestes tempos de terras crestadas, quando ainda por cima há diretores de jardins ordenando que queimemos sementes, e se possível a nós mesmos no processo?

Além disso, como reconhecer o timbre da minha voz em meio a um jogo que nem sempre compreendo: o que tenho o direito de dizer, o que não tenho o direito de dizer mas digo assim mesmo, o que tenho o direito de calar? Como posso me fazer significar, como posso ser semente de mim mesma e do meu tempo, nem supérflua, nem equívoca, nem vítima do meu ego, nem sombra da minha sombra, nem surdina, nem histórico altofalante competindo com o altofalante do vizinho? Dito de outro modo: como encontrar a palavra, o verso, o parágrafo que segure a dobradiça entre mim e o mundo, este?

Da queima das sementes imposta pelo diretor de um jardim botânico passo brevemente à queima da memória que aconteceu, quase duzentos anos depois, com o recente incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Tragédia que se inscreve, via descaso governamental frente à cultura, no que Eduardo Viveiros de Castro definiu como “projeto de devastação, de

criação de desertos, desertos no espaço e no tempo.”³ Chama minha atenção a metáfora do deserto: o museu era semente, semente que já não tem mais como vingar.

Eu estava na Cidade do México nesse triste domingo, 2 de setembro de 2018, quando aconteceu o incêndio do Museu Nacional. Estava perto do Zócalo, de frente para as ruínas do Templo Mayor, destruído pelo conquistador espanhol em 1521 a fim de dar espaço à construção da Catedral Metropolitana. Pensava no tempo, na memória, no que dela fica, no que dela se apaga, em nós e para nós, e nesse plantio que fazemos de nós em nós mesmos, no nosso presente. Uma amiga de infância me mandou uma mensagem do Rio nesse momento, me contando do incêndio que estava destruindo um museu que fazia parte da nossa história pessoal, das excursões da escola sempre em busca da múmia, dos passeios com a família em outros domingos. Das tardes em que levei meu filho ao museu.

Entre um incêndio e outro, das sementes de um jardim-museu ao acervo de um museu-jardim, às vezes a gente se pergunta, e é uma pergunta que nunca termina de se formular, o que pode a arte, o que pode a literatura, nestes tempos em que nos cabe viver. Imagino que essa tenha sido sempre a pergunta de todo artista, desde quando pintavam-se bisões nas cavernas do Paleolítico. E cada um responde como pode. E cada época pensa na função da arte, supõe que talvez a arte não tenha uma função, ou considera mesmo que um dos principais valores da prática artística é nos tornar mais aptos a ser bem-sucedidos em nossas carreiras não-artísticas, porque mais criativos (e depois vamos fazer fama em Wall Street). Nestes tempos, como em outros, a gente se pergunta, com Drummond: “Devo seguir até o enjoo? / Posso, sem armas, revoltar-me?” A essa pergunta, como sabemos, ele respondeu com uma flor, “e ademais feia, mas realmente uma flor”.⁴ Iludindo a polícia, rompendo o asfalto.

Iludindo a polícia de um jardim, escravos roubam sementes de palmeira-imperial. Penso no *trickster* do folclore e da mitologia, esse personagem misterioso a um tempo

³ Entrevista ao jornal *Público* publicada no website *Outras Mídias*. Disponível em <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/viveiros-de-castro-ve-o-incendio-no-museu-nacional/>>. Acesso em 25.09.2018.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In _____. *Antologia poética*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 24.

diabólico, louco e o criador do mundo, como diz Joseph Campbell⁵. Burlador, que descumpre normas e destrói programas, que ao roubar sementes rouba o fogo dos deuses. Que opera um truque frente ao monopólio da verdade.

É uma fissura que se cria. Um *não* que se diz – ou será um retumbante *sim*? Retumbante, ainda que em surdina? Não conheço os nomes desses escravos, embora a História tenha guardado o do comerciante que levou as primeiras mudas ao Brasil, e o do então diretor do Jardim Botânico. Não conheço os nomes desses escravos, mas sei que eram vários. Das sementes, espalhadas Brasil adentro, suponho que muitas não tenham germinado (“semeio e passo”, escreveu Orides Fontela. “Não me importa a colheita.”⁶) De todo modo, o monopólio sonhado por Serpa Brandão para o seu enciclopédico jardim nunca aconteceu.

Interessa-me pensar nessas sementes, também, como uma modesta potencialidade, de consequências imprevisíveis. Às vezes, é a própria potencialidade que interessa. O gesto. Penso na obra de um artista como Andy Goldsworthy, que tematiza o efêmero, que faz do efêmero a sua matéria-prima, seu processo e seu produto final, e que leva a arte aos limites de seu próprio colapso. Uma das “pinturas” de Goldsworthy, por exemplo, consistia em se deitar numa calçada quando começava a chover, depois se levantar e ter, por alguns instantes, sua silhueta gravada no chão ainda seco. Então, por um lado erguemos templos e museus, que às vezes se esfacelam sob a sanha de um conquistador ou sob o descaso de um governo, mas por outro lado também experimentamos a existência como um passo para dentro do instante seguinte e assim sucessivamente, e qualquer coisa para além disso pode soar pura abstração. Essa existência “incompleta sempre, em estado de esboço, de obra por fazer, que cabe prolongar como se prolonga o arco virtual de uma ponte quebrada ou em construção,” como escreveu Peter Pál Pelbart⁷.

Essa existência de poetas menores, em que a ausência dos holofotes, dos tapetes vermelhos, a adversidade, a frustração e o fracasso podem ser valores positivos. No livro

⁵ *Mythology of the Trickster*. Vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JM10AvJ3bsM>>. Acesso em 02.10.2018

⁶ FONTELA, Orides. *Poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 267.

⁷ PELBART, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existência que ‘não existem’. In: MAYO, Nuria Enguita e BELTRÁN, Erick (Orgs.). *Catálogo da 31ª Bienal de São Paulo - Como (...) coisas que não existem*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014. p. 264.

Afetos, Relações e Encontros com Filmes Brasileiros Contemporâneos, Denilson Lopes faz o que me parece ser uma oportuna reflexão sobre o fracasso como valor afirmativo, e mesmo como recusa a rezar pela cartilha de uma sociedade que prega o sucesso a qualquer custo – sucesso, é claro, sempre indissociado de mercado. Comenta, numa passagem, o filme *Estrada para Ythaka*, cujos realizadores se definiam como “um grupo de amigos que se juntaram por acreditar que o fazer artístico é uma luz poderosíssima capaz de modificar o mundo no qual vivemos. Não modificar no sentido de revolucionar, mas no sentido de *viver nesse mundo e ainda ser capaz de fazer o que se quer fazer*”⁸. Denilson aponta a existência, no filme, de um “espaço de afeto e – por que não dizer? – de beleza que é irredutível, não colonizável, e isso nada tem de esteticismo, arte pela arte, arte como religião. Sem grandes perspectivas, o fracasso [...] se constitui menos numa senha de desistência e mais de um frágil fazer.”⁹ O que acontece se o artista “escolher continuar, numa frágil margem, sem muita segurança, sem medo do fracasso nem convicção a não ser continuar um pouco mais que seja?”¹⁰

Viver neste mundo e ainda ser capaz de fazer o que se quer fazer. Roubar sementes. Multiplicar este mundo, o nosso, ainda que criando potencialidades que não se sabe se vão medrar, ainda que deitando na calçada para fazer, com o corpo e com a chuva, uma pintura que há de existir durante alguns segundos, e que jamais será pendurada nas paredes de um museu ou adquirida em leilão por um colecionador milionário. “Toda obra de arte é a cria de seu tempo e, com frequência, a mãe de nossos sentimentos,” escreveu Kandinsky¹¹ E Pelbart: “Mais do que criadores, somos fruto e efeito daquilo que por meio de nós foi criado; somos suas testemunhas”¹².

Em muitos momentos, roubaremos sementes, porque é só o que podemos fazer. “Adeus Whitman, Dickinson, Frost. Bem-vindos vocês cuja fama nunca crescerá além da

⁸ Apud LOPES, Denilson. *Afetos, relações e encontros com filmes brasileiros contemporâneos*. São Paulo: Hucitec: 1996. p. 98.

⁹ LOPES, Denilson. Op. cit., p. 100.

¹⁰ Ibid., p. 101.

¹¹ KANDINSKY, Wassily. *Du spirituel dans l'art*. Paris: Denoël, 1989. p. 50.

¹² PELBART, Peter Pál. Op. cit., p. 252.

família próxima, e talvez de um ou dois bons amigos reunidos depois do jantar para beber um jarro de vinho tinto,” escreveu Charles Simic¹³.

Em muitos momentos, teremos a sensação de estarmos tão descompassados com o nosso tempo, entre incêndios variados, que parece que o silêncio vai levar a melhor. E não falo de um silêncio contemplativo, digno, pleno de significado, nem do silêncio como matéria-prima, explorado com tanta riqueza, por exemplo, por um compositor como John Cage ou uma pintora como Agnes Martin. Falo do silêncio cinzento, cor que Kandinsky associava à imobilidade sem esperança.¹⁴ Às vezes somos isso, imobilidade sem esperança.

Mas acontece que somos também, e antes de qualquer coisa, mulheres e homens comuns. E em meio a essa existência comum quem sabe escrevemos um verso, um punhado deles, alguns contos, um ou outro romance. Simic fala do poeta que escreve “enquanto as crianças estão caindo de sono e reclamando do barulho que você faz enquanto procura nos armários seus velhos poemas, receoso de que sua mulher os tenha jogado fora.”¹⁵ Eu diria: enquanto procuramos nos armários nossos velhos poemas, receosos de que *nós mesmos* os tenhamos jogado fora, em meio a velhas contas, extratos bancários e cartas que não nos interessam mais.

De tudo isso, sobra a vontade de que seja possível existir ainda que na sombra, na penumbra, à margem dos eventos importantes, à margem dos compêndios de História, e ainda assim encontrar um sentido para o trabalho que se faz a partir desse lugar. A arte e a literatura são trabalho, assim como esse de escalar palmeiras no meio da noite. Criar os poemas que serão lidos por aquela meia-dúzia de amigos. As sementes, quem sabe, vendidas a cem réis cada.

Leio um trecho do prefácio em forma de carta do livro de Denilson Lopes:

No fim, resta a sensação de ter passado por textos e lugares, de ter conhecido pessoas e, no meio da vida, o desejo de voltar ao que é essencial.[...] Outras vidas são mais definidas pela moral, pela religião, pela ciência, pela política, pelo sexo, pelas paixões. A mim, não que não tenha tentado outros caminhos, é a beleza e suas sensações que me fazem levantar nos muitos dias comuns, ou, pelo menos, dar o próximo passo, escrever a próxima linha. O dia chuvoso visto da janela do escritório. As mãos delicadas do rapaz

¹³Apud CASTELLO, José. “Tempo dos poetas menores. Jornal *Rascunho*: Curitiba: janeiro de 2015, p. 29.

¹⁴SERS, Philippe. Kandinsky philosophe In: KANDINSKY, Wassily. Op. cit., p. 35.

¹⁵Apud CASTELLO, José. Op. cit., p. 29.

ao pagar a conta ontem no almoço. Os lábios e *shorts* vermelhos, os olhos claros e as coxas juntas às minhas num metrô noturno de carnaval [...] ¹⁶

Que seja a beleza, talvez, essa com que respondemos às vezes ao esculacho da banalidade e da mediocridade, que esteja ela no humilde cotidiano, desentranhada naqueles alumbramentos que Manuel Bandeira conhecia tão bem. Que seja uma potência secreta, a força de simplesmente fazer, de seguir em frente. Um jeito de habitar “o *quem* das coisas,” para falar com o Vaqueiro Tadeu da história de Guimarães Rosa¹⁷. Ou, com João Cabral: “a vida, vivida em condições de pouco, / monta, se não cria: com o esquelético / e o atrofiado, com o informe e o torto.”¹⁸ Uma semente por cem réis, que precisamos juntar para comprar uma carta de alforria. Um estar ao mesmo tempo perdidos e plantados no nosso tempo, no nosso mundo, no coração doente do Brasil, “no descoração do Brasil”, como escreveu recentemente Arnaldo Antunes¹⁹ – onde, segundo o novo mito nacional, os descendentes de escravos rebeldes não servem nem para procriar²⁰: não servem nem como sementes de si mesmos. No descoração do Brasil, em meio ao pulsar de tantos outros descorações, seguimos, debaixo de nuvens cinzentas e em meio aos escombros dos nossos museus, ao desmonte da nossa história, ao extermínio dos nossos rios, mares, florestas. De cabeça para baixo seguimos, às vezes, ou de pé, trocando as pernas. Mas aqui, ainda.

Reencontrei recentemente esta passagem do *Solo de clarineta*, de Erico Verissimo, com que gostaria de concluir estas reflexões:

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos nossos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

¹⁶ LOPES, Denilson. Op. cit, p. 18.

¹⁷ ROSA, João Guimarães. Cara-de-bronze. In: _____. *Corpo de baile*. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. v.2: p. 593.

¹⁸ MELO NETO, João Cabral de. O hospital da caatinga. In: _____. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 2.

¹⁹ ANTUNES, Arnaldo. Vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eusBEkn2ABQ>>. Acesso em 11.10.2018.

²⁰ Discurso de Jair Bolsonaro: “Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriadores servem mais.” Vídeo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jdhUGgkdKFY>>. Acesso em 12.08.2018.
